

ECONOMIA

Quando o Brasil

CRESCER...

Economia - Brasil

EMPRESAS DE BRASÍLIA INVESTEM NA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS PARA PREENCHER AS VAGAS. AINDA ASSIM, FALTA GENTE PARA TODOS OS POSTOS

MÃO-DE-OBRA SEM QUALIFICAÇÃO

MARIANA FLORES

DA EQUIPE DO CORREIO

Com carência de profissionais que se enquadrem no perfil de suas vagas, empresas com atuação no Distrito Federal buscam alternativas para manter a produção. Algumas treinam por conta própria os funcionários e outras estendem a seleção para fora da capital federal. Os empresários da área industrial são os que mais sofrem na hora de contratar. Sem tradição no setor, a cidade não oferece currículos qualificados para exercer várias atividades. Os trabalhadores têm que estar preparados até para mudar de área, caso o empregador decida remanejar seu quadro de pessoal.

Formada em engenharia ambiental, Rosângela Isolde Galice, de 32 anos, terminou este mês uma pós-graduação em engenharia de segurança do trabalho e já assumiu a função de coordenadora da área na empresa em que trabalha, a

Brasal Refrigerantes, engarrafadora da Coca-Cola em Brasília. Com dificuldade de conseguir profissionais, a companhia pagou a especialização de Rosângela, que não viu problemas em se adaptar. "É muito bom porque posso conhecer as duas áreas. Funciona como uma troca. Eu recebo as informações e tenho que reaplicá-las na empresa", afirma.

O investimento nos profissionais é usado para preencher os cargos ociosos. Atualmente a Brasal possui cerca de 20 vagas abertas para a área de manutenção — eletricista e mecânico industriais. No final desta semana a empresa começa a entrevistar os trabalhadores. Dos 24 candidatos, 14 não moram em Brasília. Os candidatos aceitam se mudar para a cidade em busca do salário, que gira entre R\$ 1 mil e R\$ 2,2 mil e exige cursos técnicos.

A produção da engarrafadora, segundo o diretor-geral da empresa, Renato Barbosa, está prejudicada em função da carência de profissionais. "É um

problema crítico encontrar gente para algumas funções. Perco produtividade, porque, se há problemas nas máquinas, não há trabalhadores suficientes para fazer o reparo. Em função disso o nosso nível de produtividade está pior que no ano passado", afirma. Para suprir a necessidade, a Brasal começa agora a treinar menores aprendizes para iniciar a formação desde o início de suas vidas profissionais. "Sofremos muito em Brasília porque temos poucas indústrias, então não temos mão-de-obra disponível".

Desde setembro a farmácia de manipulação Farmacotécnica possui duas vagas abertas — uma para farmacêutico e outra para químico — apesar de já ter recebido currículos até mesmo de fora de Brasília, ainda não conseguiu contratar. Atualmente, possui 43 currículos para análise. A dificuldade em Brasília, segundo a gerente industrial da empresa, Ivanete Santos, é encontrar trabalhadores com experiência. "Temos faculdades, mas os

Cristiano Mariz/Especial para o CB



ROSÂNGELA: PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE SEGURANÇA FOI FINANCIADA PELA BRASAL

estudantes não têm onde fazer estágios, então não aprendem", afirma.

Mesmo tendo uma taxa de desemprego que atinge quase 20% da população local, a falta de qualificação afeta até mesmo as profissões que exigem pouca escolaridade. Há menos de um ano no Distrito Federal, a churrascaria Fogo de Chão trouxe 60% de seus garçons de São Paulo para trabalhar no restaurante. E os de Brasília passaram por um período de 120 dias de treinamento antes de começaram a trabalhar. Mas a estratégia é utilizada mesmo em outras praças, segundo o diretor de operações no Brasil, Jandir Dalberto.

A mais comentada das lacunas ocorre na construção civil. A carência de

gente qualificada pode comprometer o boom do setor verificado neste ano, segundo empresários do setor. No Distrito Federal não é diferente. A construtora Paulo Octávio possui entre 30 e 40 vagas abertas, de instaladores elétricos a pedreiros, de "boa qualidade", como define o diretor Marcelo Carvalho. "Apesar do índice de desemprego elevado, falta mão-de-obra. O setor ficou muito tempo parado e os trabalhadores acabaram buscando outros rumos. Na hora em que houve uma retomada essa mão-de-obra não estava mais disponível", afirma. No caso dos engenheiros, a empresa vem desenvolvendo uma política de fixação de premiação por metas atingidas para segurar os profissionais.

ENTREVISTA // Hélio Zylberstajn

MENOS TECNOLOGIA PARA PRESERVAR EMPREGOS

Para o professor da USP Hélio Zylberstajn, especialista em mercado de trabalho, a qualificação será um dos principais entraves à manutenção do ciclo de crescimento econômico nos próximos anos. O quadro é preocupante porque o gargalo só terá solução em longo prazo e com pesados investimentos. Leia abaixo os principais trechos da entrevista concedida ao Correio:

O problema da baixa qualificação é novo ou foi apenas acentuado pelo crescimento mais acelerado da economia?

Isso é tão antigo quanto o próprio mercado de trabalho no país. Sempre tivemos descasamento entre a qualificação e as necessidades do mercado. A questão é que, ao longo dos últimos 20 anos, com o baixo crescimento da economia, essa deficiência ficou escondida, adormecida. Esse apagão de mão-de-obra não acontece desde a época do milagre econômico. É um tipo de problema bom, pois mostra que empregos estão sendo criados, mas precisa ser enfrentado para não limitar o crescimento.

E como solucionar esse gargalo?

O maior problema é que a baixa qualificação não se resolve da noite para o dia. Como os governos só pensam no curto prazo, sempre de olho na próxima eleição, sempre é deixado de lado. É preciso mudar o foco. É preciso ter uma mão-de-obra bem educada para que ela possa ser bem qualificada. No Brasil, a educação de base é de má qualidade. Tudo começa aí.

Os programas de qualificação profissional são uma boa forma de mudar o quadro?

Não. Defendo que esses programas de treinamento são desperdício de recursos públicos. O Estado deveria voltar todos os seus recursos para o sistema educacional, deixando a questão da qualificação para a iniciativa privada. Se o Estado educar bem as pessoas, caberá às empresas qualificá-las para cada função.

Essa baixa qualificação pode acabar freando o avanço tecnológico das empresas brasileiras?

Não. Mas defendo a tese de que alguns setores da economia deveriam congelar suas tecnologias. A medida é polêmica, mas faz sentido. Muitas cidades estão implantando esse sistema de bilhetagem eletrônica (nos ônibus do transporte coletivo), mas é o que será feito com os milhares de cobradores, profissionais de baixa qualificação que terão dificuldade em se recolocar no mercado de trabalho? Outra questão é a automatização dos postos de combustíveis. Se ela fosse autorizada, os frentistas certamente engrossariam as estatísticas de desempregados. Claro que há um custo econômico nesse tipo de proposta, mas o custo social é ainda maior, por isso compensa.

“

O ESTADO DEVERIA VOLTAR TODOS OS SEUS RECURSOS PARA O SISTEMA EDUCACIONAL, DEIXANDO A QUESTÃO DA QUALIFICAÇÃO PARA A INICIATIVA PRIVADA

”